

Não escolhi ser pintora, fui escolhida.

A bem da verdade, mais do que as artes visuais, foi a música que me acompanhou desde menina. O gosto pela música erudita vinha desde a minha avó materna. Eu sonhava em ser pianista, bailarina ou atriz de cinema. Tudo menos pintora. Amava os Beatles, Meu Pé de Laranja Lima, Ane Frank, Pollyana e Romeu e Julieta. Mas também sempre adorei os trabalhos manuais. Amava desenhar. Assim, entre o sonho e o lápis e o papel, optei pelo segundo, bem mais acessível. Descobri que com uma folha branca, grafite e tinta, eu poderia viajar tão longe quanto com o piano e o ballet. No início de tudo, minha mãe fazia lencinhos de cambraia, nos quais eu pintava rostos de bonecas. Prontos e delicadamente embalados com papel transparente, meu pai os vendia no seu taxi. Os passageiros amavam, e nós também! Para uma menina de 10 anos de idade o sucesso dos lencinhos era um sonho! Desenhar e pintar faz parte da minha vida desde muito cedo. De modo especial, a pintura em tecido. Pintava lenços, camisetas, roupas de bebê...

Sou de uma família do interior, mas viemos para a capital quando eu era pequena. Logo que chegamos em Porto Alegre, vindos de Carazinho, fui estudar no Grupo Escolar Padre Teodoro Amstad, que há muito tempo deixou de existir. Depois veio o ginásio no Colégio Souza Lobo e, por fim, o secretariado no Colégio Irmão Pedro. O vestibular, naquela época, não foi possível como eu gostaria. Até porque o curso profissionalizante exigia o estudo de estenografia, datilografia, matemática contábil e inglês técnico, por exemplo. Mas não física, química e biologia, fundamentais para o vestibular. Sempre gostei muito de estudar. Era líder de turma. Além de ser muito participativa em todas as atividades: coral, jornal, teatro, inclusive fui Helena de Tróia (pode?). Gostava tanto de estudar que consegui uma bolsa integral de inglês no Instituto Cultural Brasileiro Norteamericano. Fui do básico ao avançado em 3 anos. Adorava também American Pop Music.

No último ano do secretariado fui estagiar na Secretaria de Trabalho e Ação Social onde fui designada para o gabinete do então secretário, Sr. Nelson Marchezan. Fiquei um ano lá e posso dizer que aprendi muitas coisas, mas o mais importante foi ter a certeza de que aquilo não era pra mim.

Conheci meu “príncipe encantado” com 15 anos: Paulo Antônio Cantali, pai da Fernanda. No dia 07 de dezembro de 1974, quatro anos depois de nos conhecermos, nos casamos. Fernanda, a maior e melhor de todas as minhas realizações, nasceu em 25 de agosto de 1978.

Depois de casada parei de trabalhar, mas em uma reunião de amigos, alguém sugeriu que eu fizesse aulas de pintura em porcelana. Topei na hora e comecei a pintar sem parar: tecidos e porcelanas. As amigas começaram a pedir que eu as ensinasse. A ideia era tentadora, afinal, eu teria um grupo de trabalho e de convívio no meu apartamento. Por quê não?

Tive cinco espaços de atelier bem distintos. O **primeiro** foi no apartamento em que morávamos, no Bairro Higienópolis. O quarto de empregada foi transformado em atelier. Nós pinávamos ali, na cozinha e na biblioteca. Esta tinha vista para o aeroporto. Uma vista linda. Distante. O som dos aviões, grave e longínquo, soava viagem. Mas, voltando ao atelier, é incrível pensar que eu tinha o mesmo número de pessoas que tenho hoje, só que em um espaço muitíssimo menor.

Alguns anos depois, construímos uma linda e grande casa no Bairro Boa Vista. O projeto da casa previa o meu **segundo** atelier. Era um atelier muito maior, iluminado, com entrada independente da casa. Fui muito feliz neste espaço. Fiquei realizada em ter um espaço especial para mim e para minhas alunas.

Um dia recebi a visita de um amigo artista. Mostrei meus desenhos, guaches, pastel seco, nanquim. Técnicas sobre o papel. Ele me disse: “acho que tu não sabes, mas tu és uma artista”. Eu nem sabia a diferença entre artista e artesã. Sempre fiz arte de modo intuitivo. Mas aquela frase me marcou e resolvi frequentar o Atelier Livre da Prefeitura, onde estudei desenho, pintura, escultura e litogravura. O meu primeiro mestre: Danúbio Gonçalves, além da gravura, me orientou sobre a técnica de aquarela. Afinal, eu adorava o papel. Foi maravilhoso! No começo achei que seria impossível, mas não desisti. Danúbio me emprestava livros de arte e literatura e eu os devorava.

Falando um pouco de minha vida como artista, tive grandes mestres e oportunidades. Descobri que era professora além de artista por natureza. Na medida em que eu mudava de técnicas e suportes, minhas alunas iam junto comigo. Dar aulas, além de muito estimulante, me ajudava a aprimorar o desenvolvimento da minha arte e da minha linguagem pessoal. As aulas sustentavam a artista. Assim, meu trabalho como pintora ficava livre da obrigatoriedade da venda imediata.

A guinada veio quando conheci Iberê Camargo. Passei a frequentar seu atelier, ler os seus livros. Ver ele desenhar e pintar era uma grande escola. Ser uma espécie de assistente, com direito a aulas de desenho, foi mais do que um curso universitário.

Depois de onze anos de casamento: separação. Comprei a casa que vivo até hoje. Daquela casa hoje nada mais existe. Muitas foram as reformas e ampliações. A primeira

reforma foi ainda antes da mudança. Nesse meio tempo, o **terceiro** atelier: uma casa na esquina da Lucas de Oliveira com a Eudoro Berlink. Após a mudança, o atelier precisava voltar para casa. De forma um pouco improvisada, resolvi usar a garagem. Neste **quarto** atelier muito produzimos. Ficávamos por lá, entre alunos e visitantes, fazendo arte. Meu grande amigo Edegardo Giora era o mestre do desenho. Fez o retrato de quase todos os alunos e amigos que por lá passavam. Costumava vir ao atelier três vezes por semana. A música ficava por conta de outro amigo: Richard Chansonier. Ele tocava e cantava músicas francesas sentado na escada da garagem. Raul Moreira Filho, meu médico e aluno, gostava de cozinhar. Subia até a cozinha e preparava, em geral, um risoto. Era uma grande família. Essa sempre foi a marca do meu atelier.

O tempo passou e eu entendi que estava na hora de construir um novo atelier: o **quinto** e atual. Queria um atelier grande, iluminado. Foi necessário construir um segundo andar na casa. Mas a casa não tinha estrutura para isso. O arquiteto foi Paolo Giora, filho do meu grande amigo Edegardo. Era necessário fazer um “rasgo” em toda a extensão do living da casa para afixar as vigas de sustentação do atelier. Lembro bem quando Paolo perguntou: “Tens certeza que queres isso?” A resposta foi: “sim!”. A reforma começou em outubro de 1991 e se estendeu por vários meses. E em dezembro eu partia para a Europa. Tinha um sonho de conhecer a Europa. Quando iniciei a reforma, as passagens já estavam compradas. Eu e minha amiga Anelise Padilha embarcamos na viagem e ficamos por lá quase três meses. A obra andou e eu pude conhecer a arte mais de perto. A pintura dos meus mestres. Fiquei perplexa na frente das Meninas de Velasques e das obras de Goya no Museu do Prado. A Mona Lisa e o Louvre. A Guernica de Picasso. Monet e todos os outros grandes mestres. O velho continente é, acima de tudo, arte. A primeira viagem, além de inesquecível, me catapultou para outro patamar existencial.

Em maio de 1992 abri as portas do novo atelier. Maravilhoso, amplo, já nasceu colorido. Comecei uma nova fase, inclusive, e principalmente, no meu trabalho. Me reinventando e recomeçando, sempre, em breves histórias de tempo.

O Atelier Lou Borghetti promoveu exposições e viagens culturais. Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Em Minas visitamos Inhotim e os ateliers de vários artistas amigos, como o de Amilcar de Castro e o de Thais Helt. A viagem para a França foi ainda mais especial. Quatorze artistas deste atelier expuseram na Galeria Mansart, em Paris, sob a curadoria de Paulo Amaral. E não esqueçamos do que fizemos em Porto Alegre. A mostra “Um Outro Olhar” que aconteceu no andar superior e na sala

dos espelhos do Bourbon Country. Fizemos instalações temáticas. Cada aluna tinha uma sala para criar à vontade. Tudo isso entre outras mostras e experiências.

Vivemos de sonhos. Apesar de todas as adversidades, o que nos impulsiona são os nossos sonhos. E cá estamos festejando 30 anos! Como diz Saramago: “A gente, na verdade, habita a memória”.

O Atelier Lou Borghetti permite um intervalo para o mundo real e externo. É um espaço onírico e fantástico. A música afaga o silêncio. O café, o chá, a água fresca e o pão da Lidice adoçam a vida. A pintura e o desenho alimentam as almas que se cruzam através de linhas invisíveis formando uma rede de amizades e comunicações. Nos vemos, conversamos, criamos. E, como num passe de mágica, o intervalo acaba e cada um volta para a “vida de verdade”. Na semana seguinte, tudo recomeça no mesmo ponto em que parou.

A mulher que habito “tem todas as idades”, como fala Paulo Heckert Filho. Somos essas mulheres maravilhosas que nos habitam. Adélia Prado, no poema “Com licença poética”, profetiza: “vai ser coxo na vida é maldição para homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.” NÓS SOMOS. Gratidão a todas.

Lou Borghetti
Artista Plástica
2018